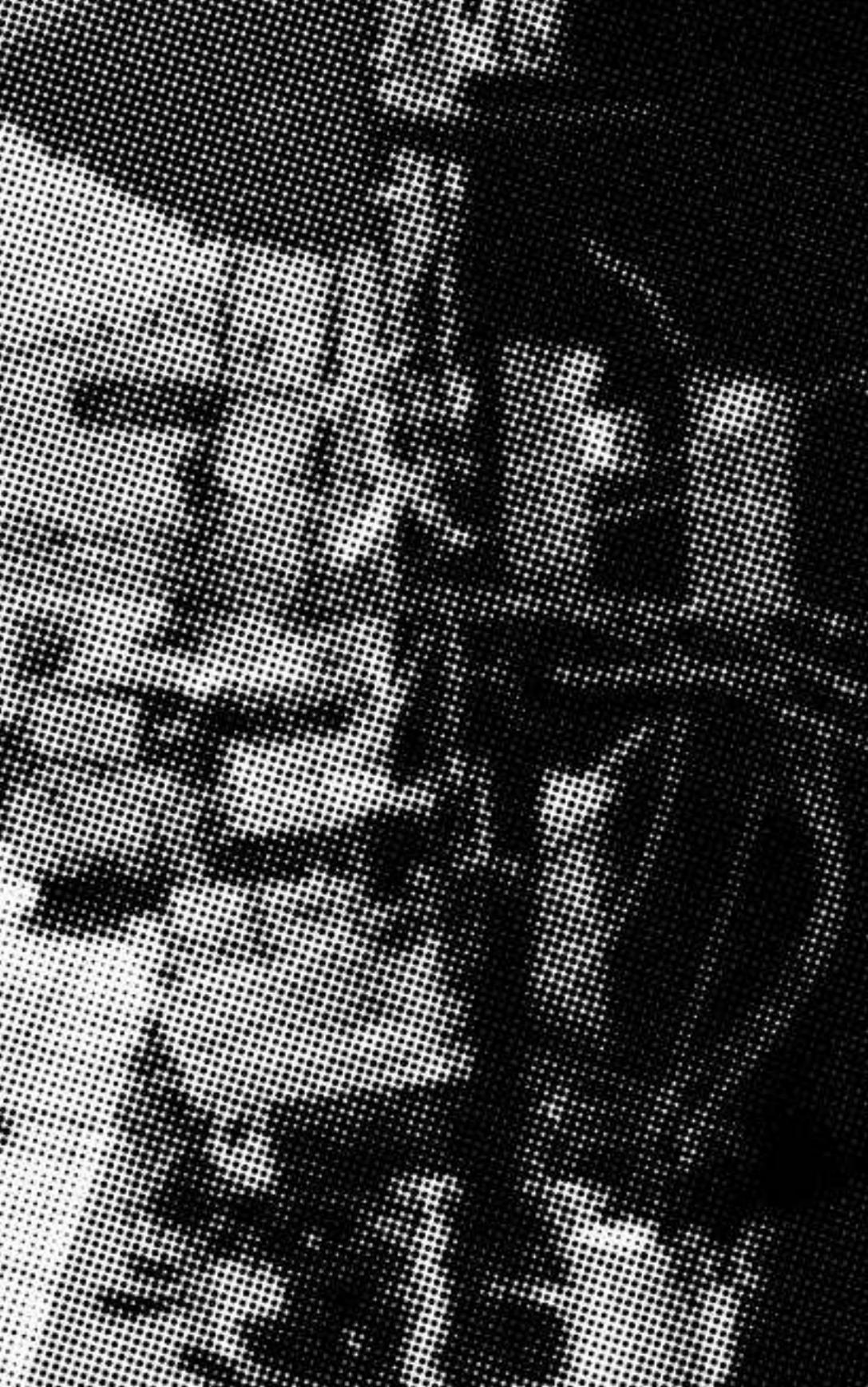


**GEOVANI
MARTINS**


COMPANHIA DAS LETRAS

VIA ÁPIA





*Dedico este livro à memória de Ecio Salles —
esse vascaíno que foi uma revolução na vida
de tanta gente, inclusive na minha.*

Índice

PARTE I

- Rio, 27 de julho de 2011, 15
- Rio, 28 de julho de 2011, 37
- Rio, 3 de agosto de 2011, 44
- Rio, 8 de agosto de 2011, 53
- Rio, 17 de agosto de 2011, 59
- Rio, 19 de agosto de 2011, 69
- Rio, 26 de agosto de 2011, 78
- Rio, 31 de agosto de 2011, 84
- Rio, 6 de setembro de 2011, 91
- Rio, 10 de setembro de 2011, 98
- Rio, 12 de setembro de 2011, 102
- Rio, 15 de setembro de 2011, 113
- Rio, 27 de setembro de 2011, 120
- Rio, 7 de outubro de 2011, 127
- Rio, 12 de novembro de 2011, 134

PARTE II

- Rio, 13 de novembro de 2011, 149
- Rio, 18 de novembro de 2011, 155
- Rio, 3 de dezembro de 2011, 162
- Rio, 17 de dezembro de 2011, 168

Rio, 30 de dezembro de 2011, 174
Rio, 8 de janeiro de 2012, 185
Rio, 13 de fevereiro de 2012, 192
Rio, 3 de março de 2012, 197
Rio, 23 de março de 2012, 203
Rio, 3 de abril de 2012, 208
Rio, 23 de abril de 2012, 215
Rio, 5 de maio de 2012, 221
Rio, 27 de maio de 2012, 232
Rio, 6 de junho de 2012, 237
Rio, 13 de junho de 2012, 244
Rio, 16 de junho de 2012, 250

PARTE III

Rio, 29 de julho de 2012, 261
Rio, 9 de agosto de 2012, 272
Rio, 25 de agosto de 2012, 283
Rio, 8 de setembro de 2012, 289
Rio, 24 de setembro de 2012, 298
Rio, 9 de outubro de 2012, 308
Rio, 16 de outubro de 2012, 317
Rio, 19 de outubro de 2012, 323
Rio, 20 de outubro de 2012, 329
Rio, 26 de outubro de 2013, 335

PARTE I

Rio, 27 de julho de 2011

Ainda falta uma hora pra cantar parabéns. Washington sobe e desce o salão, olha pro relógio. É sempre aquela história; quando curte um lazer, o ponteiro não tem pena, em cinco minutos passa um mês. No trabalho que é foda, tudo se arrasta. Ainda mais com essa larica que não para de crescer. Sem dar muita confiança pra ninguém, ele oferece os salgados integrais de mesa em mesa. Aqueles pastéis de ricota nunca foram tão atraentes.

Os convidados tavam em outra onda. Depois de comer que nem bicho na primeira hora de festa, eles começaram a recusar tudo, fazendo cara feia, antes mesmo de saber o que era. Pra piorar, o aniversariante inventou de chorar e não parou nunca mais. Um choro agudo mesmo, irritante, que atravessava o salão enquanto convidados, pais e funcionários fingiam não escutar. A babá fez que fez, dançou com os bichinhos da decoração, fez as caretas e as palhaçadas que o menino mais gosta. Nada do abençoado calar a boca. O choro se misturava com a trilha sonora da Galinha Pintadinha, os barulhos todos na festa, os brinquedos, as conversas. No meio da confusão, cheio de fome, Washington para e respira fundo, tenta enxergar o fim daquele dia.

A larica é um bagulho muito doido mesmo. Se por um lado ela te dá os melhores sabores do mundo, por outro tem o poder

de comprimir seu corpo, atrapalhar a visão, sugar toda a energia, baixar a pressão. Pior que é sempre a mesma história: na onda, as primeiras duas horas passam mais rápido, ele consegue até se divertir um pouco com as crianças, dependendo da festa. Depois vem a lombra e logo aquela fome insuportável.

Se pudesse escolher, Washington ia trabalhar direto como garçom de bebidas. A bandeja é muito mais pesada, disso todo mundo sabe, mas ainda vale a pena. Lá no bar é sempre a maior gastação, as gerentes quase nunca aparecem, rapidinho a hora passa. Além disso, não é obrigado a sentir, durante as quatro horas de festa, aquele cheiro que sobe da bandeja de comida.

Mesmo depois de três anos como funcionário da casa de festas, Washington ainda não se acostumou com aquela gente; aguenta só porque sabe que sem dinheiro no bolso não é porra nenhuma. Era pra ser um bagulho rápido, só pra garantir um qualquer enquanto ele não passava da idade obrigatória de alistamento militar. Isso já faz três anos. O que faltava então pra correr atrás de um trabalho responsa? Carteira assinada, Rio-Card, Sodexo.

Depois de mais uma passada no salão, Washington voltou pra cozinha. Procurava o relógio quando bateu de frente com a gerente da festa. A bandeja cheia.

— Você tá oferecendo todo mundo no salão? — ela perguntou antes de abocanhar um dos pasteizinhos de ricota.

— Tô sim, Ângela. É que geral tá cheio já, cara. Tu viu como foi no começo da festa. Tem que deixar eles respirar agora — Washington respondeu, depois de virar os salgados numa vasilha com as outras sobras do dia.

Ângela fez uma cara de quem não gostou nada do que ouviu, mas só falou depois de conseguir empurrar o salgadinho goela abaixo.

— Ah, deixo sim, Washington. Deixo muito. Aí o cliente reclama com o pessoal lá de cima, você acha que eles vão cobrar de quem, fala pra mim?

— O que eu tô falando é que...

— Tem que falar nada não, Washington. Tem é que servir direito. Ou você acha que eu não vi você passando pra cima e pra baixo com essa cara amarrada? Ninguém é obrigado a aguentar mau humor de garçom não, meu filho. Tá estressado fica em casa. A gente cansa de falar isso aqui dentro. A pessoa, pra trabalhar aqui, tem que tá feliz, animada, sorriso no rosto. A gente aqui trabalha com festa. Eu duvido que você ia querer alguém mal-encarado na festa do teu filho...

— Sabe o que tão pedindo muito no salão? Hambúrguer. Vários convidados já falou comigo, se botar na pista vai sair legal.

— Então vamo mandar hambúrguer pra esse povo. Eu bem que tava estranhando que não saía hambúrguer nessa casa...

— Vou marcar daqui então, quando ficar pronto eu levo logo.

— Nada disso — se meteu Francisca, a cozinheira. — Leva essa bandeja aqui antes que esfria, o outro menino saiu e não voltou até agora.

Diferente do irmão, Wesley tava animado com a festa. Depois de um tempo sem trabalhar, voltou pra escala pra ficar no brinquedão acompanhado de Talia, maior gatinha que fazia seu primeiro evento na casa. Wesley ficou todo se querendo. Como era aniversário de um ano, tipo de festa com mais adulto que criança, sobrava tempo pra ficar de papo. Não queria chegar chegando pra não assustar, mas sabia que, pra ter alguma chance

com a novinha, precisava partir logo pro ataque. A casa de festas é cheia de urso, não pode chegar uma funcionária nova que eles já caem em cima, um mais galudo que o outro.

— Você já trabalhou na festa de algum famoso? — Talia perguntou, depois que morreu o assunto sobre os pagodes e bailes preferidos de cada um.

— Ih, já rolou um monte. Você vai ver, aqui vem muito artista, jogador de futebol... Uma vez fiz dos filhos do Luciano Huck com a Angélica. Na moral, bagulho ficou doido, isso aqui parecia até final de novela, de tanto famoso que tinha. As gerente tonteando à vera, que tinha que tá tudo perfeito e pá, mas acabou que foi tranquilão.

— E o pessoal pediu pra tirar foto?

— Pode não, pô. Se alguma gerente vê, dá uma merda fodida. A gente tem que fingir que nunca viu na vida, que é tudo normal, ver esse povo aí de rolé fora da televisão.

Talia riu. Confiante de que ela queria assunto, Wesley confessou:

— Só uma vez que eu pedi pra tirar foto. Era aniversário da filha de um jogador do Flamengo, do Luiz Antônio ou do Júnior César, não lembro direito. Só sei que o Léo Moura veio. Aí eu não resisti, né, o cara é ídolo, tive que bater foto. Mas foi lá fora só, depois da festa.

A história não empolgou Talia, que fez que nem ouviu nada. Talvez não gostasse de futebol, ou até pior: torcesse pro Vasco. Pra se recuperar da bola fora, Wesley tentava emplacar outro assunto qualquer quando ela perguntou:

— Você sabe quanto é pra fazer uma festa aqui?

— Pelo que os menó diz aí, com menos de oito barão tu não passa nem da porta.

— Fala sério, oito mil reais pra quatro horas de festa?

— Isso quando o cliente não inventa de contratar mágico, personagem, essas paradas. Uma vez um casal aí contratou um grupo que fez o teatro da Pequena Sereia, juro pra tu, o bagulho não durou nem uma hora. Nego diz que só nessa brincadeira aí, do teatro mais o salão, deu papo de uns trinta mil. Fala tu, tem noção do que é isso?

Washington saiu da cozinha com a bandeja de hambúrguer. Naquela hora, a fome tinha virado ódio. Passou pelo brinchedão e contou pro irmão que ia malocar a bandeja toda. Magal tava entocado no banheiro, Washington precisava passar batido pelos convidados, pegar o corredor como quem volta pra cozinha e deixar o lanche com o amigo. A missão de Wesley era prestar atenção na gerente e, se ela brotasse no salão, puxar qualquer papo sobre a festa, pra não deixar ela chegar no corredor.

O plano foi executado com sucesso. Magal, que já tava no banheiro, aproveitou pra comer de uma vez a parte que tinha direito. Washington falou pro irmão ir logo depois do amigo, preferia dar mais uma volta no salão, sabia que Ângela tava na atividade dele.

Foi só Washington sair, que Talia chegou toda curiosa pra saber qual era o papo. Wesley perguntou se ela tava com fome. A menina contou que não comia nada desde a hora do almoço, que não gostava de mortadela, aí nem tocou no lanche dos funcionários. Ele explicou o esquema que tinham armado com os hambúrgueres, Talia ficou muito interessada. Antes de sair, Wesley avisou que ia desenrolar pra ela comer também.

Washington quase não acreditou quando entrou no banheiro e sentiu o aroma. Aquele era o cheiro da vitória.

Começou os trabalhos com os de cheddar, seu preferido, mas só enquanto ainda quente. Na real, toda a comida da casa fica meio ruim depois que esfria. Também por isso Washington nunca espera pelas sobras com os outros funcionários. Não dá pra admitir aquilo. A disputa corporal na hora da divisão dos salgados consegue ser ainda mais constrangedora do que comer escondido num banheiro.

Detonou em tempo recorde os quatro de cheddar. Pra terminar a leva, ainda faltava mais quatro x-salada. Comia dois, deixava dois pra novinha do irmão. Mal enfiou o primeiro na boca, alguém bateu na porta.

— Tem gente — respondeu com a boca cheia.

— Tá fazendo o quê, aí? — Era a voz de Ângela.

Washington cuspiu os destroços do hambúrguer no vaso.

— Tô mijando, ué. Posso não? — Pegou os outros três, enrolou num avental que deixou por ali, deu descarga e saiu. A gerente esperava na porta.

— Daqui a pouco é o parabéns, tô ligado, Ângela. Deixa eu ir logo lá ajudar a arrumar os doces.

Washington chegou na cozinha tremendo ainda, parou do lado de Magal e começou a organizar o doce nas bandejas. Aos poucos, ficava mais tranquilo. É sempre relaxante essa parte do serviço; arrumar os docinhos é quase se arrumar pra ir embora. Parece mágica, os mesmos quarenta e cinco minutos que, no meio da festa, demoram uma eternidade, depois do parabéns passam tão rápido que ninguém sente.

— O que significa isso aqui? — Ângela apareceu na cozinha com os hambúrgueres na mão.

Sem esperar por resposta, começou o esporro na frente de todo mundo. O que dá mais raiva nessas horas é a certeza de que o esporro não vai dar em nada, igual das outras vezes

que foi pego comendo escondido. Washington trabalha há anos na casa, e mesmo não sendo o funcionário ideal, conhece muito bem o serviço, tá sempre disponível, já salvou as gerentes várias vezes. Não faz sentido mandar embora alguém de confiança por causa de meia dúzia de hambúrguer. Todas as gerentes sabem disso muito bem, por isso mesmo é que elas capricham bonito na hora do esporro.

— Tu vai me mandar embora ou vai ficar só nesse papinho gostoso?

Ângela não conseguiu disfarçar o susto que levou com a resposta.

— Tu até ontem era monitora, garçonne igual a gente. Já se entocou pra comer um montão de vez, agora quer meter essa pra mim? Não fode! Só tem cobra nessa porra dessa casa, eu tô cansado já. Na moral mermo, tô cansado dessa merda aqui.

Washington falava sem dificuldades. Era como se as palavras, as mesmas que segurou por tanto tempo, apenas pulassem pra fora, uma depois da outra. O pessoal na cozinha assistia à cena impressionado. Ninguém mais se lembrava que uma família aguardava lá fora pra cantar o parabéns da criança.

— Mas, Washington, eu só tava querendo dizer...

— Tem mais papo não, Ângela. Sem neurose. Só quero pegar meu dinheiro e vou meter o pé. — Voltou a si quando terminou a frase. O corpo quente de raiva.

Washington olhava pros objetos na cozinha, lugar onde passou quase todos os fins de semana nos últimos anos, e tudo parecia estranho. Ainda mais estranho do que no primeiro dia em que chegou pra trabalhar ali. Aos poucos, sentia o alívio chegar; era o fim. Ele nunca mais ia ver aqueles brinquedos, ouvir a merda daquelas músicas nem servir aquela gente que não tem

capacidade de cantar o parabéns dos próprios filhos sem ajuda profissional.

— Se você quer receber, então espera até o fim da festa. Eu tenho mais o que fazer — foi o que Ângela respondeu, antes de sair batendo a porta da cozinha.

Wesley nem sentiu falta do irmão na hora do parabéns, tava preocupado demais com os outros moleques. Eles fizeram a maior presepada. Cantaram, inventaram coreografia e os caralho, tudo na intenção de se aparecer pra Talia. Pior que ela tava gostando, cheia de sorrisinho pras palhaçadas deles. Aquele bando de fura olho.

Só quando começou a rodar o bolo é que lembrou de Washington. Ele sempre passava por ali pra falar qualquer coisa, entocar uns doces, dar aquela morcegada de final de festa.

— Tu foi lá comer o bagulho, Talia?

— Ih, cara, com essa história de parabéns, eu até me esqueci de ir lá, acredita?

Nisso chegou um garçom pra explicar a história toda. Em casa de festas é assim, qualquer notícia se espalha que nem gripe. A confusão entre Ângela e Washington, então, já nasceu um clássico entre os causos da casa.

Fim de festa. Como sempre, os funcionários se amontoavam na porta da cozinha. Mais destacado, Washington fumava um cigarro sentado num bujão de gás. Wesley se aproximou e acabou encontrando o irmão mais tranquilo do que imaginava. Depois do primeiro garçom, vários outros passaram por lá pra contar o caô, a cada versão a história ficava mais sinistra.

— Qual foi, menó. Bora meter logo o pé.

— Tô esperando meu dinheiro, mano. Ângela é foda, tá marolando com a minha cara. Ela acha que se ficar me enrolando eu vou embora. Duvido, menó. Duvido que eu saio daqui sem meu dinheiro.

— Coé, menó, pega esse bagulho depois. Já é nove horas já, daqui a pouco é o jogo do Flamengo.

— Puta que pariu, caralho. Tinha até me esquecido dessa porra. Marca aí que vou lá atrás dela.

Wesley chegou a pensar em deixar o irmão de pista, correr pra ver o jogo do começo. Tava ansioso pra ver o duelo entre Ronaldinho Gaúcho e Neymar, dois dos maiores craques que já viu jogar. Os secadores do Flamengo adoravam falar que Ronaldinho Gaúcho já era, que veio pro Rio só pra curtir baile de favela e fazer suruba no Vips, que o futebol deixou na Europa. Wesley ainda acreditava no potencial do craque gaúcho. Acompanhava a carreira do Bruxo no Barcelona, depois viu alguns jogos no Milan. A idade é um peso, disso ninguém duvida, mas ninguém que faz o que ele fez desaprende a jogar bola assim de uma hora pra outra. Tudo é uma questão de se adaptar. E, de algum jeito, Wesley acreditava que nesse jogo Ronaldinho desencantava de uma vez. Era só isso que faltava. Mesmo sem grandes atuações do craque o time continuava invicto e brigava pela vice-liderança, se Ronaldinho mostrasse a que veio, era só entregar a taça.

No salão vazio, Ângela continuava dando seus pulos, olhava tudo com a maior calma, como se a coisa mais importante do mundo fosse a função de gerente de uma casa de festas. Washington ia atrás, e não parava de falar que precisava meter o pé. Esse jogo durou um bom tempo. Quando cansou de brincar, ela chamou Washington pra subir. Preencheu o recibo pra ele

assinar, mas só entregou depois de contar o quanto lamentava aquele papelão na cozinha. Não era pra tanto, se tava estressado era só falar que ela chamava outra pessoa. Washington ouvia sem prestar atenção, só queria saber do envelope com as notas. Quando pegou o dinheiro pra contar, a bola acabava de rolar na Vila Belmiro.

— Caralho, menó, tu apostou duzentos conto no Flamengo hoje? Puta que pariu, tu é mais doido que eu.

— Qual foi, cara. Tu acha que eu ia adivinhar esse bagulho? Tinha várias festa aí no mês, ia arrebentar um dinheiro, pô. Fiz uma fezinha no meu time.

— Por isso que eu não gosto de aposta, menó, sem neurose. Esses bagulho é foda, não dá pra saber... Quanto é que tu pegou com ela lá?

— Sessenta conto. Fiz só duas festa essa semana.

Depois de quinze minutos no ponto, chegou o 557. No ônibus, Washington começou a contar como foi o caô. Melhor coisa foi ele puxar o assunto. Wesley tava cheio de curiosidade, mas não queria ficar sufocando, se o irmão quisesse falar de outra coisa, ia fingir que nem sabia de nada.

— Aí foi isso, mano, eu explodi. Falar pra tu, nem sei como aconteceu direito. Foi tudo muito rápido. Tava geral olhando e eu fui falando, falando a porra toda. Aí deu nisso. Mas também, última forma. Tava cansado de trabalhar ali mermo, agora é ir atrás de outra meta.

— Visão é essa, menó. Andar pra frente. Eu não sei como tu conseguiu ficar tanto tempo ali. Eu vou ficar também só até

o final de ano, tá ligado que é várias festas, é isso, vou pegar essa grana, tentar pegar uma moto, caidinha mermo, foda-se, começar rodar no mototáxi, daqui a pouco eu me levanto, tiro carteira, pego uma Twister, uma Fazer, sei lá. Quero trabalhar mais pra ninguém não, sem neurose.

O ônibus atravessava o Joá na mola. Washington às vezes batia neurose, lembrando de um acidente que nem viu, onde uma Kombi voou pra fora da pista e foi direto no mar. De vez em quando gritava pro piloto: Tá levando gado não, filha da puta. Mas só com o ônibus cheio, pra aproveitar o coro dos outros passageiros. Uma vez um moleque inventou de xingar o motorista com o ônibus vazio, deu a maior merda. O motorista, quando chegou ali em São Conrado, estacionou o ônibus e foi tirar satisfação com o moleque. A porrada comeu até que chegou a Guarda Municipal pra separar os dois. Dessa vez, além do ônibus vazio, Washington não grita porque tá doido pra chegar logo na Rocinha.

— Como é que a Ângela sabia que eu tava no banheiro, cara? Essa parada que eu não entendo. Desde que virou gerente ela só usa o banheiro do escritório, foi fazer o quê, ali?

— Papo reto, menó. Bagulho mandado mermo.

— Puta que pariu. É lógico, caralho. Foi tua amiga lá que me xisnovou, filha da puta. Bem que eu vi, menó, aquela cara de patricinha não me engana não, papo reto, aquilo é isca com armadilha.

— Tá maluco, mano? A mina nem te conhece, ia te xisnovar pra quê? Tá viajando tu.

— Então já é, cara, falo mais nada não. Vai na dessa mina aí que logo tu vai ver qual é. Só depois não reclama que eu não avisei.

Wesley não queria acreditar no papo do irmão. Talia parecia gente boa, e no fim das contas chegou a dar uma condição pra

ele. O problema todo é que, na real, a suspeita tinha fundamento. Magal é fechamento com eles desde sempre, sem contar que tinha comido também, não ia dar o serviço desse jeito. A gerente aparecer de repente no banheiro também era estranho, mas não chegava a ser uma prova do bagulho mesmo. O jeito era ficar de olho, se ela tivesse ali de X9, uma hora se revelava.

Na saída do Joá, levantou um dos poucos passageiros do coletivo. Vinha lá da frente. Era um velho, que mesmo com quase todos os lugares livres vinha sentado num banco amarelo, pra afirmar sua prioridade. O homem se virou e embicou na direção da porta, eles perceberam logo o rádio de pilha colado na orelha. Só podia tá ouvindo o jogo. Na mesma hora, viram também que o coroa tava com cara de poucos amigos. Das duas, uma: ou era rubro-negro e o Flamengo perdia pro Santos, ou era secador e tava puto porque o Fla vencia a partida. Com aquela cara ali, os dois sabiam que não existia a menor chance pro empate.

Assim que ele chegou na porta do ônibus, Wesley perguntou o placar do jogo. O velho, que não tirava os olhos do chão, virou com raiva na direção dos irmãos, como se fossem eles os culpados de tudo.

— Neymar acabou de fazer mais um pro Santos — respondeu com raiva. Depois, quando viu a reação dos dois, completou: — Tá três a zero pros caras.

* * *

Ryan Giggs recebeu outra bola enfiada nas costas do lateral adversário, e com a perna esquerda acertou mais um cruzamento na cabeça de Chicharito Hernández.

— Tomar no cu, neguim. Só faz gol assim! — Douglas defendia as cores do Barcelona, e tava puto.

Via ápia

A turbulenta convivência entre moradores e polícia numa das maiores favelas do mundo é o mote para o primeiro romance de um jovem autor já consagrado.

Cinco jovens, um batalhão da polícia, bailes *funk*, drogas, paixões, amizades, dramas, sonhos e uma infinita pulsão de vida: eis os ingredientes de um livro que mostra, sem pudor e sem pena, o quotidiano de quem vive na incógnita do futuro.

Quando a polícia invade a Rocinha para instalar uma Unidade Pacificadora, os jovens Murilo, Douglas, Biel, Washington e Wesley veem a vida virada do avesso. O acontecimento central do primeiro romance de Geovani Martins declina-se numa trama engenhosa, avançando ao ritmo de capítulos curtos que revelam ao leitor as perspetivas cruzadas dos protagonistas — e que exibem igualmente a mestria deste escritor na reinvenção da língua, na construção dos diálogos, na urdidura da história.



Depois de *O sol na cabeça* — livro de estreia que granjeou ao autor o epíteto de «ponta-de-lança da literatura brasileira» e que teve uma impressionante repercussão internacional —, chega *Via ápia*, romance duro e muito necessário, através do qual temos acesso privilegiado a uma realidade quase sempre fora de todos os radares.

«Um grande romance urbano e existencial.» *Folha de S. Paulo*

«*Via ápia* logo conquista o leitor pela inventividade da linguagem, construída com técnica impecável e com a originalidade que garantiu a Geovani Martins um lugar especial na literatura brasileira.» *O Globo*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 companhiasdasletrasportugal

ISBN 9789897849305



9 789897 849305 >